

DESPEDIDA CRUEL

Comédia em um ato de **Jacinto Benavente**
Traduzida por **Rodrigo Conçole Lage**

Estreada¹ no TEATRO LARA² na primeira seção do *Teatro Artístico*
e representada depois no TEATRO ROMEA³

ELENCO

PERSONAGENS

ATORES

	No Lara	No Romea
CASILDA.....	Srta. Blanco ⁴	Srta. Loreto Prado ⁵
PEPE.....	Sr. Benavente	Sr. Chicote ⁶
MANUEL.....	M. Sierra ⁷	Nart

ATO ÚNICO

Um gabinete sem móveis. Porta ao fundo e à esquerda. Varanda à direita.
Dois baús grandes⁸ e uma cadeira

¹ A comédia estreou no Lara, no dia 12 de dezembro, juntamente com a peça *Cenizas*, de Ramón del Valle-Inclán.

² Teatro construído em Madris, no ano de 1879, por iniciativa particular do empresário e senador Cándido Lara Ortal; tendo sido inaugurado no dia 3 de setembro de 1880. Outras peças de Benavente também estrearam neste teatro: *El marido de la Téllez* (1897), *Los intereses creados* (1907), *La losa de los sueños* (1911), *La ciudad alegre y confiada* (1916), *La Inmaculada de los Dolores* (1918), *La honra de los hombres* (1919) e *Al amor hay que mandarlo al colegio* (1950).

³ Localizado em Murcia, foi inaugurado no dia 25 de outubro de 1862, pela rainha Isabel II. Jacinto Benavente também estreou várias peças neste teatro.

⁴ Josefina Blanco, cujo nome completo é Josefa María Ángela Blanco Tejerina (1878 - 1957), foi uma atriz espanhola. Outra peça de Benavente em que atuou, em 1899, foi a *La comida de las fieras*.

⁵ Loreto Prado Medero (1863-1943) foi uma atriz espanhola.

⁶ Possivelmente esteja se referindo ao ator mexicano Armando Soto La Marina (1909-1983), que era popularmente conhecido como “*El Chicote*”.

⁷ Talvez seja Gregorio Martínez Sierra, que atuou na mesma noite como o personagem Padre Rojas, da peça *Cenizas*.

⁸ *Baúl mundo*, segundo o dicionário da RAE, é um baúl grande e muito fundo, frequentemente com compartimentos.

CENA ÚNICA

MANUEL e depois PEPE e CASILDA

MANUEL (*Terminando de fechar e amarrar um dos baús: depois se dirige a porta da esquerda.*)
Senhorito⁹! Senhorito! Mando trazer a comida?

PEPE (*Dentro.*) Que hora são?

MANUEL Seis e meia. (*Casilda e Pepe aparecem.*)

CASILDA Tão tarde?

PEPE Sim, traze-a tu mesmo. Já sabes o que te dissemos. E que subam pela bagagem.

CASILDA Duas horas, nada mais!

PEPE Duas horas!

CASILDA Parece um sonho mau. Dentro de duas horas separados. Quem sabe se para sempre! Não, para sempre não, Pepe de minha vida; diz-me que não, jura-me que não.

PEPE Para sempre! Que coisas dizes! Seria preciso que morrêssemos os dois. Com um bastava, mas quem pensa nisso?

CASILDA Há que pensar em tudo. Faz um ano, quando nos conhecemos, faz um mês, quando ainda éramos tão felizes, tampouco pensávamos em que havíamos de nos separar tão cedo.

PEPE Pois olhe, devemos pensá-lo. A verdade é que então não teríamos sido tão felizes. As poucas notas de mil pesetas que eu havia salvado dos agiotas, não podiam dar corda por mais tempo a nossa felicidade. Isso sim, temos vivido felizes, sem pensar em nada que não fosse nosso afeto.

CASILDA Temos sido uns loucos. Gastávamos sem tino... Eu fui muito caprichosa, confesso, mas tu devias fazer-me compreender...

PEPE Eu, sim. Com a autoridade de que dão quarenta mil duros¹⁰ desperdiçados em

⁹ *Señorito* em espanhol. Tem, entre outros, o sentido de filho de um senhor ou pessoa jovem a que serve um criado.

¹⁰ Duro é o nome da moeda de cinco pesetas. Quarenta mil duros equivalem a duzentas mil pesetas. A peseta foi a

três anos.

CASILDA Não dão autoridade, mas dão experiência.

PEPE A experiência! Muito cedo chega, e menos triste porque chega para os dois... Mas antes... se eu houvesse desencantado com minha experiência tua louca imprevisão... Não te pese¹¹, temos sido felizes.

CASILDA Temos sido!

PEPE Há recordações de um único dia feliz que valem por toda a vida. A recordação é muito mais doce que a esperança, sobretudo mais positiva. A esperança é sempre uma interrogação. O que será? Será? E a recordação, não. Foi, tem sido, é nossa, vive em nós, é sempre a mesma... Por que me olhas tão séria?

CASILDA Sabes que não me agrada esse entusiasmo pelas recordações? Se eu soubesse que só ia ser uma recordação para ti nesta ausência...

PEPE Minha esperança, minha única esperança!... Duvidas de minha afeição?

CASILDA Não sei... mas me parece que não sentes como eu nossa separação... Pensas muito... tentas consolar-me, te incomoda que eu me aflija muito... Se me quisesse como eu a ti, te alegrarias ao ver-me morrendo de tristeza.

PEPE Que atrocidade! Porque te quero não quero te ver triste. Eu não entendo a afeição desse modo. Para não te ver sofrer, tu vejas, seria capaz de preferir que não me quisesse, que não te importasse separar-te de mim.

CASILDA Isso não é querer. Há duas maneiras de não querer: uma é não querer e outra querer assim, como tu dizes, razoavelmente.

PEPE Agora vai duvidar de meu afeto?

CASILDA Sim, sim duvido... porque não sentes como eu. Não chorou como eu ao ver sair um a um os móveis de nossa casinha, ao ver estas paredes frias.

PEPE Já te disse que devíamos ter ido a um albergue e passar ali estas últimas horas.

moeda da Espanha entre 1869 e 2002. Foi substituída pelo euro.

¹¹ Do verbo pesar, no sentido de arrepender-se ou doer-se de alguma coisa.

CASILDA O vês, o vês? Não sentes como eu, eu não queria sair daqui até o último instante... e voltarei amanhã... e voltarei todos os dias.

PEPE Até que se alugue o quarto.

CASILDA E sempre que estiver desalugado subirei para vê-lo.

PEPE Teu afeto está aqui, dentro de minha alma, e nada fica entre as paredes deste quarto alugado, e nada se foi com os móveis alugados também. Querias que, como a ti, o levar cada cadeira me custasse um mar de lágrimas e um desmaio o sofá.

CASILDA Não zombes, respeita meus sentimentos.

PEPE Mas tu acreditas que eu não sinto? Ah! Se pudesses penetrar em meu coração; mas devo parecer mais forte que tu. Que fazer se nossa separação é inevitável! Havia outro remédio?

CASILDA Quem sabe se teria sido melhor o que pensamos no primeiro momento! Morrer juntos!

PEPE Sim, é verdade, teríamos evitado estes dias horríveis.

CASILDA Oito noites passo sem fechar os olhos. Pensando sempre no mesmo...

PEPE E eu procurando te distrair e mais triste do que tu.

CASILDA Sim, meu pobrezinho, me queres muito, muito, não me esquecerás um só momento, me escreverás todos os dias umas cartas muito longas, e tão logo possas dê uma escapada.

PEPE Oh! Assim que puder.

CASILDA Muito em breve, de verdade?

PEPE Mulher! Já sabes que meu tio é muito severo, que tem uma opinião muito ruim de mim, e que se me leva ao seu lado como secretário particular, é porque me acredita capaz de me regenerar. Enquanto se anda mal de dinheiro, já se sabe, a regenerar-se. Agora, todos nos regeneramos.

CASILDA Tudo isso esta muito bem... e eu tampouco peço que faltes a tua obrigação... É preciso que faça mérito com teu tio... é a única pessoa que pode te proteger. Agora

vai de Governador e te leva de secretario... se te portas bem... amanhã lhe fazem ministro, e então... te coloca em Madrid, e voltamos a ser felizes, porque Madrid é muito grande, e o que estaria muito mal visto numa província, aqui... nem se vê sequer... Aqui... estou segura de que até teu tio tão severo tem suas confusões. Indubitavelmente... um viúvo em boa idade ainda.

PEPE Meu tio?... Meu tio, aqui e na província de seu comando... Nunca se separa de sua esposa morganática¹².

CASILDA Ah! Por isso tu não podes me ter ali ao seu lado, e teu tio...

PEPE Eu acredito, como tu não és minha cozinheira...

CASILDA Ah! Vá com o tio! E depois vem a pregar moralidade.

PEPE Não, o que prego é formalidade, o que não é o mesmo.

CASILDA É corrente¹³. Por cada mês de formalidade podes permitir-te uma escapatória de uma semana... Sobre tudo para o que terás que fazer na secretaria de teu tio...

PEPE Sim, é uma província muito tranquila... não há Capitania geral¹⁴, não há Universidade... nem sequer se joga... de modo que não podem amotinar-se porque não lhes suprimem nada.

CASILDA Que vida mais aborrecida deve ser aquela... e se visse, como temo, o teu aborrecimento... Quando me conheceste estavas também muito aborrecido... até pensavas em casar-te... sim, me o disseste... Como que se eu houvesse sido outra... Mas fui tão franca contigo... A franqueza é a única virtude que se pode ter quando não se tem outra. Compreenda que me teria sido muito fácil enganar-te... Em primeiro lugar, eras muito vaidoso... e os vaidosos acreditam tão facilmente que são em tudo os primeiros...

PEPE Eu nunca tive essa vaidade. A prova é que me resignei a ser o último...

CASILDA Isso sim, o último...

PEPE E até isso também me parece vaidade.

¹² De condição social inferior. Casamento morganático é aquele no qual um nobre casa com alguém de posição social inferior.

¹³ *Corriente* no original. Palavra difícil de traduzir pela variedade de sentidos do termo.

¹⁴ É a zona territorial na qual o Capitão-Geral exerce a administração.

CASILDA Essa pode ter.

PEPE É meu consolo. Todas as mulheres que me quiseram, pouco ou muito, me asseguraram o mesmo. «Não és o primeiro, mas serás o último.» Será essa minha graça, como a dos décimos da loteria¹⁵... (*Entra Manuel com uma bandeja e nela serviço de pratos, talheres, etc.*)

MANUEL O criado subirá em seguida.

CASILDA Que horas são?

MANUEL Sete.

CASILDA Uma hora, nada mais!

PEPE Uma hora!

(*Casilda rompe a chorar. Manuel chora também.*)

PEPE Casilda! Tu também!

MANUEL Ai, senhorito! Quando alguém dá com amos tão bons como vocês...

CASILDA Pobre Manuel!

MANUEL Ao melhor cai um em umas casas... Eu graças a Deus, quase sempre tenho servido só a senhores, ou a pessoas como vocês... Só duas vezes servi em casas de matrimônios¹⁶ ou de famílias, e acreditem vocês, é uma confusão.

CASILDA De modo que sentes deixar-nos...

MANUEL Ora, se o sinto!... Por você tanto como pelo senhorito... Compreendo que você esteja tão afetada... Já vê você como estou e não era tanto! Vocês comem aqui?

PEPE Comer!... Sim, aqui.

MANUEL Traga a mesa da cozinha. É a única que ficou.

¹⁵ O décimo é a décima parte de um bilhete de loteria. O apostador escolhe 5 número dentro de cada décimo e pode apostar num mínimo de 1 e num máximo de 10 décimos.

¹⁶ Local para a realização de casamentos.

PEPE Não há mais cadeiras do que esta?...

MANUEL Nada mais.

PEPE Também poderiam esperar um pouco.

MANUEL Disseram que se fazia noite e que não era coisa de fazer outra viagem amanhã.

PEPE Bom, bom. (*Sai Manuel e logo entra com uma mesa.*) Para a comida que vamos fazer...

CASILDA A última!

PEPE A última, não! Mulher tu tens a mania de que tudo seja a última.

CASILDA Sente-se... Ainda que seja sem vontade deves tomar algo... são muitas horas de viagem, e as lanchonetes de estação são horríveis. Me recordo que na última viagem... Ris porque também digo a última?

PEPE Não, rio, porque a última viagem, como tu dizes, a fizemos juntos... e me recordo daquele túnel tão comprido...

CASILDA E daquela senhora grossa que vinha conosco... e levou um beijo em cada bochecha... Graças ao que a fizemos crer que éramos recém-casados...

PEPE Mas não te sentas?... Cabemos os dois... Toma um pouco de presunto... está muito bom.

CASILDA Vejo que não perdeu o apetite.

PEPE Apetite! Nervoso, minha filha... Estava te ouvindo e comia distraído, sem saber o que fazia...

CASILDA Não, se eu me alegro... E ali a ver se te cuidas... e não tresnoitas¹⁷... já sabes que te faz muito mal...

PEPE Me deitarei cedinho e lerei...

CASILDA Isso, lê. A ti que agrada tanto ler deitado... Podes acabar o romance que

¹⁷ Passar a noite acordado.

começaste a ler quando nos conhecemos.

PEPE Sim, sim. Mas, vês isto? Mas não estou comendo como um bruto? Bem dizem: o corpo é um animal. É fome nervosa, não há dúvida... O mesmo me aconteceu uma vez em que tive um desafio¹⁸. Em minha vida tenho comido tanto.

CASILDA Antes do desafio?

PEPE Não, depois; mas ainda estava emocionado.

CASILDA Queres que tragam outra coisa? Manuel!

PEPE Não, não. Me faria mal. Se tenho um nó aqui!

CASILDA Mas não é o da gravata, porque a colocou sem fazer. Vem aqui.

PEPE Mas não o fizeste tu mesma, antes?

CASILDA Sim, mas depois se desfez.

PEPE Ah, sim!

CASILDA (*Fazendo o laço.*) Ai! Ia dizer o último, mas vai zombar.

MANUEL Senhorito, o criado, que vem pela bagagem.

CASILDA Que horas são?

MANUEL A hora.

CASILDA A hora! Ai, Pepe de minha alma! (*Chora.*)

PEPE Não chores assim. Queres que renuncie a tudo... que não me vá? Seria uma loucura... Mas, que importa uma loucura a mais? Se tu queres fico... fico. Manuel, despede ao criado.

CASILDA Não, Pepe... Já estou tranquila... Eu sei me sacrificar... Tenho me sacrificado tantas vezes!

¹⁸ No sentido de competição.

PEPE Vamos, não chores, (*À Manuel, que chora.*) Quer ficar calado, estúpido? Qualquer um diria que estás mais emocionado que eu.

CASILDA Vou pôr o chapéu... Farei o último esforço.

PEPE Se te empenhas... Mas não devias vir à estação.

CASILDA Deixa... deixa-me. Até o último. (*Sai.*)

MANUEL Pobre senhorita! Lhe custa uma enfermidade.

PEPE És muito sensível, Manuel. Toma antes que saia a senhorita. Quando o trem já tiver partido, lhe dê esta carta de minha parte.

MANUEL Valha-me Deus! O que é o querer! A mesma ideia que a senhorita... Me encarregou de que não a desse a você até que o trem fosse sair.

PEPE Uma carta da senhorita! Traz.

MANUEL Você não diga nada. Será para que você se console pelo caminho.

PEPE Traz... Que é isto?

CASILDA (*Sai*) O quê lêes? Minha carta!

PEPE Sim.

CASILDA Manuel!

MANUEL Senhorita, você não se zangue.

CASILDA Não.

PEPE Tem outra para ti. Podes lê-la... Coincidimos... Certamente... não se vive em intimidade tanto tempo sem chegar a pensar o mesmo. Olha, olha... quase as mesmas frases... «É preciso ter juízo... Já é hora de que acabem as loucuras... Nunca esquecerei... Recordarei por toda a vida... Meu futuro... Minha conveniência...» É engraçado.

CASILDA Ah! Tu acreditas que eu não havia entendido antes que não te importava separar-te de mim...

PEPE Isso te prova que eu ao menos não fingia. Mas tu podias ter economizado tantas lágrimas, podíamos ter passado estes dias alegremente... nos teríamos separado como dois bons amigos... E não ter dado este aparato de despedida cruel a nossa separação... quando, felizmente para os dois, o carinho de um não há sobrevivido uma hora ao do outro...

CASILDA E não te parece agora muito mais cruel nossa despedida?

PEPE Tanto, que agora é sincero meu sentimento ao despedir-me de ti. Será minha vaidade a que sofra... mas agora vou mais triste. Sempre quer um mais do que se afigura...

CASILDA E sempre queremos menos a um... Por isso o temor de sermos enganados nos antecipa a enganar... Te juro: sempre me custou mais lágrimas enganar do que ser enganada... Mas há que estar pronto antes de tudo... e prontos para dá-la...

PEPE Sim; renunciemos ao sublime papel do que nunca se engana de puro enganado... do que ama... porque ama; sem saber... sem querer saber nunca si é correspondido.

FIM



Jacinto Benavente

Jacinto Benavente y Martínez nasceu em Madri, no dia 12 de agosto 1866, tendo falecido na mesma cidade no dia julho 1954. Além de ter sido um dos mais importantes dramaturgos espanhóis do século XX, foi poeta, cronista, contista, diretor de teatro, roteirista e produtor de cinema. Escreveu mais de 170 peças. Ganhou o Nobel de Literatura de 1922.

Rodrigo Conçole Lage

Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC. Com artigos e resenhas publicados em revistas acadêmicas do Brasil e do exterior e com traduções publicadas em revistas nacionais. Tem também artigos publicados no jornal *Poiésis* - Literatura, Pensamento & Arte de Araruama-RJ.

DESPEDIDA CRUEL

Comedia en un acto de **Jacinto Benavente**

Estrenada en el TEATRO LARA en la primera sesión del *Teatro Artístico*
y representada después en el TEATRO ROMEA

REPARTO

PERSONAJES	ACTORES	
	En Lara	En Romea
CASILDA.....	Srta. Blanco	Srta. Loreto Prado.
PEPE.....	Sr. Benavente	Sr. Chicote.
MANUEL.....	M. Sierra	Nart.

ACTO ÚNICO

Un gabinete sin muebles. Puerta al foro y á la izquierda.
Balcón á la derecha. Dos baúles mundos y una silla

ESCENA ÚNICA

MANUEL y después PEPE y CASILDA

MANUEL (*concluyendo de cerrar y atar uno de los baúles: después se dirige á la puerta de la izquierda.*)
¡Señorito! ¡Señorito! ¿Mando traer la comida?

PEPE (*Dentro.*) ¿Qué hora es?

MANUEL Las seis y media. (*Casilda y Pepe salen.*)

CASILDA ¿Tan tarde?

PEPE Sí, tráela tú mismo. Ya sabes lo que te dijimos. Y que suban por el equipaje.

CASILDA ¡Dos horas nada más!

PEPE ¡Dos horas!

CASILDA Parece un mal sueño. Dentro de dos horas separados. ¡Quién sabe si para siempre! No, para siempre no, Pepe de mi vida; dime que no, júrame que no.

PEPE ¡Para siempre! ¡Qué cosas dices! Sería preciso que nos muriéramos los dos. Con uno bastaba, ¿pero quién piensa en eso?

CASILDA Hay que pensar en todo. Hace un año, cuando nos conocimos, hace un mes, cuando todavía éramos tan felices, tampoco pensábamos en que habíamos de separarnos tan pronto.

PEPE Pues mira, debimos pensarlo. Verdad es que entonces no hubiéramos sido tan felices. Los pocos billetes de mil pesetas que yo había salvado de los usureros, no podían dar cuerda por más tiempo a nuestra felicidad. Eso sí, hemos vivido dichosos, sin pensar en nada que no fuera nuestro cariño.

CASILDA Hemos sido unos locos. Gastábamos sin tino... Yo he sido muy caprichosa, lo confieso, pero tú debiste hacerme comprender...

PEPE Yo, sí. Con la autoridad de que dan cuarenta mil duros derrochados en tres años.

CASILDA No dan autoridad, pero dan experiencia.

PEPE ¡La experiencia! Demasiado pronto llega, y menos triste porque llega para los dos... Pero antes... si yo hubiera desencantado con mi experiencia tu loca improvisación... No te pese, hemos sido felices.

CASILDA ¡Hemos sido!

PEPE Hay recuerdos de un solo día dichoso que valen por toda la vida. El recuerdo es mucho más dulce que la esperanza, sobre todo más positivo. La esperanza es siempre una interrogación. ¿Qué será? ¿Será? Y el recuerdo, no. Fué, ha sido, es nuestro, vive en nosotros, es siempre el mismo... ¿Por qué me miras tan seria?

CASILDA ¿Sabes que no me gusta ese entusiasmo por los recuerdos? Si yo supiera que

solo iba á ser un recuerdo para tí en esta ausencia...

PEPE ¡Mi esperanza, mi única esperanza!... ¿Dudas de mi cariño?

CASILDA No sé... pero me parece que no sientes como yo nuestra separación... Reflexionas mucho... tratas de consolarme, te molesta que yo me aflija demasiado... Si me quisieras como yo á tí, te alegrarías al verme muerta de pena.

PEPE ¡Qué atrocidad! Porque te quiero no quiero verte triste. Yo no entiendo el cariño de esse modo. Por no verte sufrir, mira tú, sería capaz de preferir que no me quisieras, que no te importase separarte de mí.

CASILDA Eso no es querer. Hay dos maneras de no querer: una no querer y otra querer así, como tú dices, razonablemente.

PEPE ¿Ahora vas á dudar de mi cariño?

CASILDA Sí, sí dudo... porque no sientes como yo. No has llorado como yo al ver salir uno á uno los muebles de nuestra casita, al ver estas paredes frías.

PEPE Ya te dije que debíamos habernos ido á una fonda y pasar allí estas últimas horas.

CASILDA ¿Lo ves, lo ves? No sientes como yo, yo no quería salir de aquí hasta el último instante... y volveré mañana... y volveré todos los días.

PEPE Hasta que se alquile el cuarto.

CASILDA Y siempre que esté desalquilado subiré á verlo.

PEPE Tu cariño está aquí, dentro de mi alma, y nada queda entre las paredes de este cuarto alquilado, y nada se fué con los muebles alquilados también. Querías que como á tí el llevarse cada silla me costara un mar de lágrimas y un soponcio el sofá.

CASILDA No te burles, respeta mis sentimientos.

PEPE ¿Pero tú crees que yo no siento? ¡Ah! Si pudieras penetrar en mi corazón; pero debo parecer más fuerte que tú. ¡Qué hacer si nuestra separación es inevitable! ¿Había otro remedio?

CASILDA ¡Quién sabe si hubiera sido mejor lo que pensamos en el primer momento!

¡Morir juntos!

PEPE Sí, es verdad, nos hubiésemos evitado estos días horribles.

CASILDA Ocho noches llevo sin pegar los ojos. Pensando siempre en lo mismo...

PEPE Y yo procurando distraerte y más triste que tú.

CASILDA Sí, ¡pobrecito mío, me quieres mucho, mucho, no me olvidarás un solo momento, me escribirás todos los días unas cartas muy largas, y en cuanto puedas haces una escapada.

PEPE ¡Oh! En cuanto pueda.

CASILDA Muy pronto, ¿verdad?

PEPE ¡Mujer! Ya sabes que mi tío es muy severo, que tiene muy mala opinión de mí, y que si me lleva á su lado de secretario particular, es porque me cree capaz de regenerarme. En cuanto se anda mal de dinero, ya se sabe, á regenerarse. Ahora todos nos regeneramos.

CASILDA Todo eso está muy bien... y yo tampoco pido que faltes á tu obligación... Es preciso que hagas méritos con tu tío... es la única persona que puede protegerte. Ahora va de Gobernador y te lleva de secretario... si te portas bien... mañana le hacen ministro, y entonces... te coloca en Madrid, y volvemos á ser felices, porque Madrid es muy grande, y lo que estaría muy mal mirado en una provincia, aquí... ni se ve siquiera... Aquí... estoy segura de que hasta tu tío tan severo, tiene sus trapisondas. Por fuerza... un viudo en buena edad todavía.

PEPE ¿Mí tío?... Mi tío, aquí y en la provincia de su mando... Nunca se separa de su esposa morganática.

CASILDA ¡Ah! Conque tu no puedes tenerme allí á tu lado, y tu tío...

PEPE Ya lo creo, como que tú no eres mi cocinera...

CASILDA ¡Ah! ¡Vaya con el tío! Y luego viene á predicarte moralidad.

PEPE No, lo que predica es formalidad, que no es lo mismo.

CASILDA Corriente. Por cada mes de formalidad puedes permitirte una escapatoria de una semana... Sobre todo para lo que tendrás que hacer en la secretaría de tu tío...

PEPE Sí, es una provincia muy tranquila... no hay Capitanía general, no hay Universidad... ni siquiera se juega... de modo que no pueden amotinarse porque les supriman nada.

CASILDA Qué vida más aburrida debe ser aquella... y si vieras cómo temo á tu aburrimiento... Cuando me conociste estabas también muy aburrido... hasta pensabas en casarte... sí, me lo dijiste... Como que si yo hubiera sido otra... Pero fui tan franca contigo... La franqueza es la única virtud que se puedes tener cuando no se tiene otra. Comprende que me hubiera sido muy fácil engañarte... En primer lugar, eres muy vanidoso... y los vanidosos creen tan fácilmente que son en todo los primeros...

PEPE Yo nunca tuve esa vanidad. La prueba es que me resigné á ser el último...

CASILDA Eso sí, el último...

PEPE Y hasta eso me parece también vanidad.

CASILDA Esa puedes tenerla.

PEPE Es mi consuelo. Todas las mujeres que me han querido, poco ó mucho, me han asegurado lo mismo. «No eres el primero, pero serás el último.» Será esa mi gracia, como la de los décimos de la lotería... (*Entra Manuel con una bandeja y en ella servicio de platos, cubiertos, etc.*)

MANUEL El mozo subirá en seguida.

CASILDA ¿Qué hora es?

MANUEL Las siete.

CASILDA Una hora ¡nada más!

PEPE ¡Una hora!

(*Casilda rompe á llorar. Manuel llora también.*)

PEPE ¡Casilda! ¡Tú también!

MANUEL ¡Ay, señorito! Cuando uno dá con amos tan » buenos como ustedes...

CASILDA ¡Pobre Manuel!

MANUEL A lo mejor cae uno en unas casas... Yo gracias á Dios, casi siempre he servido á señores solos, ó á personas como ustedes... Solo dos veces serví en casas de matrimonios ó de familias, y créanme ustedes, es un belén.

CASILDA De modo que sientes dejarnos...

MANUEL ¡Vaya si lo siento!... Por usted tanto como por el señorito... Comprendo que esté usted tan afectada... Ya ve usted como estoy y no era tanto uno! ¿Comen ustedes aquí?

PEPE ¡Comer!... Sí, aquí.

MANUEL Traeré la mesa de la cocina. Es la única que ha quedado.

PEPE ¿No hay más sillas que esta?...

MANUEL Nada más.

PEPE También pudieron esperar un poco.

MANUEL Dijeron que se hacia de noche y que no era cosa de hacer otro viaje mañana.

PEPE Bueno, bueno. (*Sale Manuel y á poco entra con una mesa.*) Para la comida que vamos á hacer...

CASILDA ¡La última!

PEPE ¡La última, no! Mujer tú tienes la manía de que todo sea lo último.

CASILDA Siéntate... Aunque sea sin ganas debes tomar algo... son muchas horas de viaje, y las fondas de estación son horribles. Me acuerdo en el último viaje... ¿Te ríes porque digo también el último?

PEPE No, me río, porque el último viaje, como tú dices, lo hicimos juntos... y me acuerdo de aquel túnel tan largo...

CASILDA Y de aquella señora gruesa que venía con nosotros... y se llevó un beso en cada moflete... Gracias á que la hicimos creer que eramos recién casados...

PEPE ¿Pero no te sientas?... Cabemos los dos... Toma un poco de jamón... está muy bueno.

CASILDA Veo que no has perdido el apetito.

PEPE ¡Apetito! Nervioso, hija mía... Te estaba oyendo y comía distraído, sin saber lo que hacía...

CASILDA No, si yo me alegro... Y allí á ver si te cuidas... y no trasnochas... ya sabes que te hace mucho daño...

PEPE Me acostaré tempranito y leeré...

CASILDA Eso, lees. A ti que te gusta tanto leer acostado... Puedes acabar la novela que empezaste á leer cuando nos conocimos.

PEPE Ya, ya. Pero, ¿ves esto? ¿Pues no estoy comiendo como un bruto? Bien dicen: el cuerpo es un animal. Es hambre nerviosa, no hay duda... Lo mismo me pasó una vez que tuve un desafío. En mi vida he comido tanto.

CASILDA ¿Antes del desafío?

PEPE No, después; pero todavía estaba emocionado.

CASILDA ¿Quieres que traigan otra cosa? ¡Manuel!

PEPE No, no. Me haría daño. ¡Si tengo un nudo aquí!

CASILDA Pues no es el de la corbata, porque le llevas sin hacer. Ven acá.

PEPE ¿Pero no lo hiciste tú misma antes?

CASILDA Sí, pero luego se deshizo.

PEPE ¡Ah, sí!

CASILDA (*Haciendo el lazo.*) ¡Ay! Iba á decir el último, pero vas á burlarte.

MANUEL Señorito, el mozo, que viene por el equipaje.

CASILDA ¿Qué hora es?

MANUEL La hora.

CASILDA ¡La hora! ¡Ay, Pepe de mi alma! (*Llora.*)

PEPE No llores así. ¿Quieres que renuncie á todo. que no me vaya? Sería una locura... Pero, ¿que importa una locura más? Si tú quieres me quedo... me quedo. Manuel, despide al mozo.

CASILDA No, Pepe... Ya estoy tranquila... Yo sé sacrificarme... ¡Me he sacrificado tantas veces!

PEPE Vamos, no llores, (*A Manuel, que llora.*) ¿Quieres callarte, estúpido? Cualquiera diría que estás más emocionado que yo.

CASILDA Voy á ponerme el sombrero... Haré el último esfuerzo.

PEPE Si te empeñas... Pero no debías venir á la estación.

CASILDA Deja... déjame. Hasta lo último. (*Sale.*)

MANUEL ¡Pobre señorita! Le cuesta una enfermedad.

PEPE Eres muy sensible, Manuel. Toma antes de que salga la señorita. Cuando se haya marchado el tren, le das esta carta de mi parte.

MANUEL ¡Válgame Dios! ¡Lo que es el querer! La misma idea que la señorita... Me encargo que no se la diera á usted hasta que fuera á salir el tren.

PEPE ¡Una carta de la señorita! Trae.

MANUEL No diga usted nada. Será para que se consuele usted por el camino.

PEPE Trae... ¿Qué es esto?

CASILDA (*Sale.*) ¿Qué lees? ¡Mi carta!

PEPE Sí.

CASILDA ¡Manuel!

MANUEL Señorita, no se enfade usted.

CASILDA No.

PEPE Tiene otra para ti. Puedes leerla... Hemos coincidido... Por fuerza... No se vive en intimidad tanto tiempo sin llegar á pensar lo mismo. Mira, mira... casi las mismas frases... «Es preciso tener juicio... Ya es hora de que acaben las locuras... Nunca olvidaré... Recordaré toda la vida... Mi porvenir... Mi conveniencia...» Es gracioso.

CASILDA ¡Ah! Tú crees que yo no había conocido antes que no te importaba separarte de mí...

PEPE Eso te prueba que yo al menos no fingía. Pero tú te podías haber ahorrado tantas lágrimas, podíamos haber pasado estos días alegremente... nos hubiéramos separado como dos buenos amigos... Y no haber dado este aparato de despedida cruel á nuestra separación... cuando por suerte de los dos el cariño del uno no ha sobrevivido una hora al del otro...

CASILDA ¿y no te parece ahora mucho más cruel nuestra despedida?

PEPE Tanto, que ahora es sincero mi sentimiento al despedirme de ti. Será mi vanidad la que padezca... pero ahora voy más triste. Siempre quiere uno más de lo que se figura...

CASILDA Y siempre le quieren á uno menos... Por eso el temor de ser engañados nos antecipa á engañar... Te lo juro: me ha costado siempre más lágrimas engañar que ser engañada... Pero hay que ser listos ante todo... y por darla de listos...

PEPE Sí; renunciamos al sublime papel del que nunca se engaña de puro engañado... del que ama... porque ama; sin saber... sin querer saber nunca si es correspondido.

FIN

